



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

TITULO: PRIMEIRA OFICINA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

Autor (1): Iago Felipe Ferreira Rocha

Universidade Federal Rural de Pernambuco; igo.ferreira.ferreira@hotmail.com

1.0 Introdução:

Este trabalho é um recorte de uma atividade do projeto de extensão: *Formação de Educadores e Educadoras em Territórios Quilombolas*, realizado na escola Municipal Virgílica Garcia Bessa, localizada na comunidade quilombola (Castainho). Partido das especificidades de uma comunidade quilombola do município de Garanhuns – PE, o projeto em desenvolvimento tem como objetivo: Formar continuamente Educadores e Educadoras do Campo em Territórios Quilombolas a partir do debate da Educação do Campo, visando suprir a carência de uma análise específica sobre a educação quilombola e a educação do campo no sistema formal de ensino e nos meios de educação popular não formal. Esse projeto se insere na temática geral da educação do campo, especificamente voltada à realidade das comunidades quilombolas do município de Garanhuns, conforme Kolling; Nery; Molina:

[...] o propósito é conceber uma educação básica do campo, voltada aos interesses e ao desenvolvimento sócio-cultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais para que vivam com dignidade e para que, organizados, resistam contra a exclusão, ou seja, este do campo tem o sentido do pluralismo das idéias e das concepções pedagógicas. (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 28-29).

São realizadas, na escola da comunidade do Castainho, oficinas de formação que têm o papel de difundir a perspectiva pedagógica da Educação do Campo em todos os autores envolvidos no processo de educação da comunidade (os pais dos educandos, os educandos, os servidores e a comunidade em geral), procurando assim criar um diálogo entre todos, favorecendo cada vez mais o desenvolvimento da comunidade.

Nos últimos anos, apesar de termos notado um acréscimo produtivo do meio rural, a vida no campo vem se tornando cada dia mais difícil e precária de serviços. A economia camponesa encontra-se estrangulada e a juventude do campo sem oportunidades e interesses para continuar a viver onde nasceu. Isso, nada mais é que o reflexo de uma série de ações do poder público de precarização dos serviços básicos para a população do campo,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

bem como de uma conjuntura econômica que vem a priorizar a grande produção agrícola, sob a produção camponesa. Nas áreas de comunidades quilombolas na cidade de Garanhuns esse reflexo da conjuntura nacional ainda é acrescido pelas dificuldades dos meios de transportes, e pelo histórico de desigualdade étnica que sofrem cotidianamente as populações remanescentes de quilombos. Pensar sobre a Educação do Campo representa, sobretudo, pensar numa vida digna do campo, em criar oportunidades para o desenvolvimento local e opções de cultura e educação para sua juventude. Os territórios de comunidades quilombolas possuem uma especificidade na Educação do Campo que ressalta a sua identidade étnica de resistência, a sua cultura tradicional e a seu modo de vida particular. A partir disso, justifica-se a necessidade de uma formação continuada e específica para os professores do campo.

2.0 Metodologia:

As oficinas são realizadas uma vez por mês, aos sábados. As discussões começam com debates acerca de um vídeo, imagens ou textos, logo seguinte são discutidas especificidades e dificuldades enfrentadas tanto pela a escola quanto pela comunidade, como: a perda de identidade negra dos próprios alunos, o preconceito étnico/racial acerca da comunidade e da própria escola e a falta de participação dos pais no processo de escolarização das crianças. A metodologia das oficinas de formação é a da educação popular de Paulo Freire (1978), na qual visa-se a concepção dialógica e humanística da formação, ressaltando a práxis da vivência dos quilombolas bem como seu processo de conscientização política.

3.0 Resultado e discussão:

A oficina iniciou-se com a apresentação do documentário: *La Educación Prohibida* (A Educação Proibida), de acordo com PUPO (2014). O documentário discute a educação normatizada e os valores que sustentam o sistema de ensino tradicional, sendo o mesmo um projeto realizado por jovens alunos que passaram a questionar a maneira que as pessoas são preparadas para viver em um mundo “adulto”. Um dos principais motivos para a escolha desse documentário foi mostrar a possibilidade de uma escola transformadora, tendo em vista que, para os interesses dominantes, a escola deve obter caráter opressor, onde o aluno caracteriza-se como um mero receptáculo em que o professor deposita seus conhecimentos e que deve reproduzi-los de maneira idêntica, sem que seja permitida a reflexão e/ou reelaboração daquele conteúdo. O documentário mostra como a hierarquização vivenciada hoje, através do medo e sentimento de inferioridade do aluno, atrapalham



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

em seu desenvolvimento, bem como despertam no mesmo um desinteresse pela busca do conhecimento. A educação proibida é clara: entre a figura do educador e seus alunos o respeito e a troca de ideias formarão uma nova via de comunicação e uma sociedade mais justa e menos autoritária.

Ao fim da apresentação do documentário os professores foram questionados sobre a relação do vídeo e a comunidade, e as questões mais citadas foram: Relação restrita com a família e ausência da família no processo de escolarização da criança. Os professores relatam a falta de diálogo e desinteresse por parte dos pais em relação ao processo de escolarização dos seus filhos como uma constante na realidade dessas escolas, uma das justificativas utilizada é a ausência dos pais nessas escolas, desconhecendo assim a importância da relação entre a escola e família que, como afirma Dessen & Polonia (2007, p. 22), é de fundamental importância:

[...] A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. (DESSEN & POLONIA, 2007, p. 22)

Outra questão é que a maioria dos familiares dos alunos veem a escola como um depósito, a maioria sequer a observa sob uma perspectiva de que a educação pode proporcionar uma melhoria de vida, pensamento contrário aos dos professores que a veem como uma maneira de mudar significativamente a vida daqueles alunos, possuindo uma concepção bastante parecida com a de Brighente & Mesquida (2016, p. 165), que afirma que:

A educação não pode ser aquela que deposita que incentiva a memorização mecânica, a que treina (concepção bancária), porém aquela que ajuda homens e mulheres, sujeitos de sua história, a pensar criticamente, colocando-lhes desafios, dando espaço para mostrar suas curiosidades e suas indagações. Ao contrário da educação bancária, que não busca a conscientização de seus educandos, quer, na verdade, que corpos de alunos e alunas sejam inconscientes e sujeitados às suas regras, perpetuando, assim, sua relação vertical. (BRIGHENTE & MESQUIDA, 2016, p. 165).

De acordo com os professores, eles sempre buscam introduzir na sua prática atividades que colaborem no processo de resistência negra da comunidade e autoafirmação do aluno como quilombola e como negro, pois a perda da identidade, principalmente entre as crianças e adolescentes, é bastante presente na realidade dessas escolas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

devido a vários fatores como, por exemplo: o sistema opressor, a ideologia do embranquecimento e a cultura de massa. Figueiredo (2013), afirma que a escola ou os modelos de educação contribuem para que a diferença entre a cultura negra e a cultura branca fosse, ou ainda venha sendo vista de forma estereotipada, ou seja, a cultura branca dominante prevalecendo sobre a outra cultura, tida como “inferior”. Um exemplo dessa realidade é o fato de que brancos estudam, em sua maioria, nas escolas particulares e moram nos centros urbanos, enquanto a maioria dos negros mora e estuda em favelas ou no meio rural.

A partir disso, foram pensadas atividades, como: clube de leitura, com textos e livros; capoeira, karatê e cine clube com as temáticas principais: *bullying*, preconceito racial e conscientização. Tais atividades visam proporcionar aos alunos uma apropriação de sua identidade quilombola, levando-os a reconhecer-se como agentes fundamentais e transformadores da realidade em que estão inseridos, compreendendo assim o papel fundamental da escola para uma possível melhoria de vida.

4.0 Conclusões

A oficial de formação traz benefícios tanto para a Comunidade Quilombola de Castainho, quanto para a prática do professor que é desenvolvida em sala de aula. A comunidade quilombola de Castainho terá como benefício um processo de formação dos educadores e educadoras formais e informais em seu território que é essencial na emergência de uma educação quilombola. Essas ações propostas pretendem ser um conjunto inicial de muitas ações de melhorias do direito à educação nesse território e em outros territórios quilombolas das proximidades de Garanhuns. Para um todo o projeto proporciona um contato específico com leituras e debates na temática da educação do campo e da educação quilombola, com a realidade social e educacional da comunidade quilombola de Castainho.

Referências

BRIGHENTE, M. F. & MESQUIDA, P. **Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora**. Pro-Posições | v. 27, n. 1 (79) | p. 155-177 | jan./abr. 2016

DESSEN, M. A.& POLONIA, A. da C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Paidéia, 2007, 17(36), 21-32.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, 6ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KOLLING, E. J; NERY, I. J. & MOLINA, M. C. **Por uma educação básica do campo: memórias.** Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999. v. 1

PUPO, A. **Resenha: A Educação Proibida.** 2014. Núcleo de Comunicação e Educação Popular da Universidade Federal do Paraná (NCEP – UFPR).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br